

O PARTIDO DOS TRABALHADORES

18. III. 58

Monumental mistificação já denominamos a que, com os trabalhadores, faz o chamado Partido Trabalhista Brasileiro. Não passa êle, com efeito, de uma criação demagógica, destinada a explorar a massa ingênua, que se deixa embalar pela cantiga.

Fundador do partido, e como tal justamente reverenciado, foi o sr. Getúlio Vargas. Nunca se lhe haviam conhecido pendores para o trato da questão social. Nem como deputado, nem como ministro, nem como governador do Rio Grande. Se, antes de 1930, o nosso regime político se podia considerar feudal e plutocrático, servidor fiel dêle havia sido o político samborjense. Nem a campanha liberal, nem a revolução subsequente lhe haviam revelado pendores reformistas. No programa da campanha não tivera interferência e outro papel não representara nela senão o de candidato, a que a sua condição de governador do Rio Grande dava especial consistência; à revolução fôra arrastado, entre tergiversações sem conta, que pena é, desaparecidos já os seus principais assessores, a crônica histórica não tenha fixado. Tudo se poderia esperar dêle, menos um reformador. Antônio Carlos proclamara — façamos a revolução, antes que o povo a faça — mas o político missioneiro somente se sensibilizou ao apêlo do montanhês, quando as conveniências da luta eleitoral fizeram surgir a sua própria candidatura. Sem esta, o Rio Grande republicano não teria entrado no movimento e não se poderia ter revelado mais tarde o seu insuspeitado reformador. O sr. Getúlio Vargas era, então, um realista, à boa moda da República Velha.

Já dissemos, mas convém repetir, que o mérito das reformas sociais acarretadas pela vitória da Revolução de 1930 cabe, antes de tudo, aos líderes da Campanha Liberal, que lhe traçaram o programa e, entre êles, ao sr. Lindolfo Collor, que, como primeiro Ministro do Trabalho, hoje esquecido, foi arrancando os primeiros decretos ao chefe do governo revolucionário e exerceu, por isto, uma influência decisiva. Foi só mais tarde, quando, dominado pela idéia da ditadura indefinida, compreendeu a utilidade de dispôr de uma base popular, que o sr. Getúlio Vargas se lançou afoitamente à reforma social. Não o inspirava nenhum idealismo, senão, pelo contrário, a simples ambição política, que tal caminho tomara para satisfazer-se.

Esta insinceridade explica o mal acabado da obra. A reforma não era um fim, senão um meio para exercer a dominação. Dos institutos de assistência e previdência e dos sindicatos profissionais, o sr. Getúlio Vargas fêz meros instrumentos políticos, que manejava sem a menor consideração aos verdadeiros interesses dos trabalhadores, ou ao mais comensuráveis preceitos da moralidade pública. Foi o primeiro e, não obstante o seu temperamento introvertido, o maior dos nossos demagogos. Ele foi quem introduziu no Brasil a demagogia, que sempre foi a mais terrível praga da vida pública. Tal origem é a causa principal da falência das nossas instituições sociais. A estas faltou o sôpro vivificador.

Era, assim, natural e inevitável que, posta sob tão alto patrocínio, a demagogia mais descabelada tomasse conta da nossa miseranda vida pública. Ao lado do grande demagogo, e às vêzes em competição com êle, surgiram outros demagogos, mas a organização demagógica por excelência ficou sendo o partido que êle fundara. Partido Trabalhista intitulou-se. Partido Trabalhista, entenda-se,

não por ser dos trabalhadores ou para os trabalhadores; mas por visar a arregimentação e a exploração dos trabalhadores. Estes passaram a constituir a massa de manobra de ambiciosos de todo gênero. Vemos, assim, no seio do chamado Partido Trabalhista, ao lado de uns poucos homens sinceros, mas por isto mesmo manietados, quando não esmagados pela máquina partidária, argentários, que fazem política a pêso de ouro, negociastas, que avançam sob a proteção do escudo populista, industriais, que, com a legenda trabalhista imaginam assegurar a paz nos seus estabelecimentos, politiquieiros à cata de votos e prestígio, em suma, aventureiros em busca da sua oportunidade. Não poderia haver ajuntamento mais heterogêneo, partido em que, mais do que os princípios, valem o poder e o dinheiro.

Se há uma eleição, não são os chamados partidos burgueses, formados na máxima parte por gente da classe média, os que dispõem de maiores recursos financeiros para a campanha: são os partidos populistas, que por definição deveriam ser os mais pobres e pouco mais poderiam contar, do que com o voto dos seus membros.

Como explicar a aparente contradição? E' que, como dissemos, os trabalhadores, iludidos e explorados, dão os votos, mas são os magnates os que, de fato, dirigem e dominam o partido. Vemo-los a êstes em todos os grandes negócios — do pinho, do linho, do trigo. Os gastos das campanhas políticas são apenas as comissões, que êles pagam pelos seus negócios.

Nada mais ilustrativo, do que o recente episódio trabalhista. Realizava-se a eleição do novo diretório da seção paulista do Partido Trabalhista Brasileiro. Duas facções principais, no multi-partido, disputavam a primazia. Quem as chefiava? Algum líder operário? Não: dois grandes industriais, os srs. Mário Aprile e Olavo Fontoura, candidatos ambos à presidência. As despesas de uma convenção partidária são mínimas: além do expediente, e aluquel de um salão suficientemente amplo, se o partido já não dispõe de um. Pois as despesas da convenção trabalhista montaram confessadamente a oito milhões de cruzeiros: cinco foram gastos pelo sr. Olavo Fontoura e três pelo sr. Mário Aprile.

Tal é o trabalhismo brasileiro: chefiado por magnates e movido pelo dinheiro dêles. E os trabalhadores — hão-de perguntar — onde estão e que fazem? Ora, os trabalhadores estão em tal partido, que supõem ser dêles, e lhe dão crédulamente os seus votos...

Para sermos justos, diremos, ao concluir, que tomámos por tema o Partido Trabalhista Brasileiro, por ser o principal, mas que, mutatis mutandis, a análise caberia também nos demais partidos populistas.